

CINEMATECA PORTUGUESA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND: CAMINHOS PARALELOS
21 E 23 DE DEZEMBRO DE 2021

LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND / 1974

um filme de Chris Marker

Realização, Argumento e Montagem: Chris Marker / Fotografia: Pierre Lhomme, Yann le Masson, Jacques Renard / Música: Reportório de Yves Montand / Com: **Yves Montand**, Bob Castella, Chris Marker.

Produção: Seuil Audiovisuel / Cópia: em DCP (original em 16mm), cor e preto e branco, versão original, legendada electronicamente em português / Duração: 60 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 8 de Abril de 1996, "Cinema e Real", apresentado conjuntamente com *On Vous Parle de Prague: Le Deuxième Procès D'Arthur London*.

*Texto originalmente escrito para acompanhar a projecção conjunta de **La Solitude du Chanteur de Fond** com **On Vous Parle de Prague: Le Deuxième Procès d' Arthur London**, no Ciclo "Cinema e Real".*

Chris Marker, já é conhecido entre nós, e é o autor de um extenso documentário que é uma espécie de balanço das grandes lutas pela liberdade desde o fim da segunda guerra mundial, o magnífico **Le Fond de l' Air Est Rouge**, de 1977, apresentado no Festival da Figueira da Foz na primeira metade da década de 80, e que é um balanço, também, da sua obra. Talento multifacetado (ensaísta, romancista, jornalista, fotógrafo, entre outras actividades), Marker impôs-se como o mais original documentarista francês, pela forma de abordar os temas e, principalmente, na relação que nos filmes estabelece entre a imagem e a palavra, sendo o comentário (de que é habitualmente autor), uma espécie de contraponto irónico e incisivo. Talvez quem melhor o tenha definido, e à sua forma de fazer e entender o cinema, tenha sido André Bazin que dele disse: "Ele pertence a essa nova geração de escritores que pensa que chegou o tempo das imagens, mas que não se deve, de qualquer modo, sacrificar-lhe a linguagem... Para ele o comentário de um filme não é o que se acrescenta às imagens, mas quase o elemento primeiro, fundamental". No filme que vamos ver esta característica é bastante evidente. O discurso e as entrevistas estão ali como peça chave do que Marker quer falar (o Chile), mas a imagem não é mero suporte, funcionando como uma espécie de "eco", uma caixa de ressonância que acaba por ampliar esse discurso e dar-lhe mais força.

Como **Le Deuxième Procès d' Arthur London**, feito no seu período de militância na extrema-esquerda, quando, em plena explosão de Maio de 68 forma o grupo SLON para a produção de filmes de "combate" (**La Bataille des 10 Millions**, sobre Cuba, **Carlos Mariguela**, sobre o guerrilheiro brasileiro, **Scènes de Grève en Vendée**, etc.), **La Solitude du Chanteur de Fond** é bastante sugestivo do "método" de Marker. Aí o ponto de partida eram as filmagens de **L' Aveu**, que Costa-Gavras adaptou da autobiografia de Arthur London, o político checo vítima da repressão stalinista no seu país. Através das palavras do próprio London que assiste às filmagens, e de Yves Montand que interpreta a sua figura, e de Simone

Signoret, também intérprete do filme, Chris Marker fala-nos da degradação da imagem e ideia do socialismo "de rosto humano". Mas Marker agarra a atenção do espectador ao que é dito não pela "imposição" do discurso, mas pela forma como ele é "mostrado", com o trabalho dos técnicos da equipa de Gavras, os pormenores técnicos e humanos do trabalho, de operadores e anotadores, aos próprios actores. Deste modo o discurso não aparece de forma "professoral", mas integrado na rotina e no dia a dia dos que ali trabalham.

O mesmo processo, mas mais refinado, é aplicado em **La Solitude du Chanteur de Fond**, talvez um dos melhores trabalhos de Chris Marker. De novo Yves Montand, e também aqui estamos perante o que é uma espécie de "ensaio". Desta vez nos dois sentidos da palavra: trata-se de um "ensaio" de cinema sobre um cantor e as filmagens do "ensaio" do espectáculo que ele vai dar. Ensaio e espectáculo vão ser montados de forma paralela e desta forma se mostra como os mais pequenos gestos, que parecem "espontâneos" no palco, resultam, no fim de contas, de um exaustivo trabalho e de um sem número de repetições. Mas isto é algo que apreendemos com a visão do filme, que resulta do trabalho de Marker e não de uma vontade demonstrativa. O objectivo de certo modo era outro, o de denunciar uma situação de ditadura violenta e assassina que em Setembro de 1973 destruíra o mais antigo regime democrático da América do Sul, o do Chile. Objectivo que era o mesmo de Yves Montand. O cantor não fazia qualquer recital desde 1968 e decidiu realizar um "one man show" de solidariedade com o Chile e de apoio às vítimas do golpe de Pinochet.

A intenção de Montand e Marker é exposta da forma mais sucinta possível no começo do documento, apenas com a utilização de três entradas enciclopédicas: "One man show", remetendo para "Montand" remetendo para "Chile". O título é uma "citação" de um filme do "free cinema" britânico, **The Loneliness of the Long Distance Runner**, adaptado de um conto de Alan Sillitoe, e a "ligação" é logo exposta ao começo, quando vemos Montand, em longa corrida de corta mato, na fase preparatória do ensaio do recital. Em certa medida é como se assistíssemos ao treino do desportista ou do guerreiro antes da competição e do combate. E a segunda comparação talvez seja a melhor porque para Montand era isso mesmo, um combate, para onde levava a arma que melhor manipulava, a canção.

Marker capta com extremo rigor todos os pormenores do ensaio (inclusive as irritações de Montand) numa espécie de evolução até vermos a "simplicidade" desse momento durante o recital. Mas trata-se de uma questão de "trabalho" e não de estética. Simultaneamente nunca se esquece do que o recital significa e das razões da sua realização, através de declarações do cantor e da montagem de cenas de filmes seus que de repente se integram no documento: A de **État de Siège**, a primeira, pela forma como surge provoca um choque, como se fosse real. **L' Aveu**, de novo, depois **Z**, são outros dos filmes referenciados, antes das imagens reais dos estádios transformados em campos de concentração no Chile. Mas os momentos de maior impacto, e também os filmados de forma mais ascética, têm a ver com duas canções militantes do reportório de Montand: *Le Chant des Partisans* (que era o hino da Resistência durante a ocupação nazi em França) e *Le Temps des Cérises*, conotada com a Comuna de Paris em 1871, e que liga com as imagens referidas dos estádios chilenos.

Manuel Cintra Ferreira